

O PLANO INDIVIDUAL DE TRABALHO: escrita significativa e desenvolvimento cultural.

Pollyanna Garcia Geraldo Fecchi¹

Ana Lúcia Horta Nogueira²

Eixo temático: 8. Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: O texto problematiza o instrumento freinetiano denominado *Plano Individual de Trabalho* (PIT) enquanto atividade real e significativa de escrita, organizadora do trabalho pedagógico, facilitadora da interlocução entre a família e a escola, auxiliar na tomada de consciência das crianças em relação aos seus próprios saberes e necessidades de aprendizagem. O presente trabalho deriva de pesquisa de doutorado em andamento, ancorada na teoria Histórico-cultural (Vigotski, 1996; 2004; Bakhtin, 1997), na Faculdade de Educação da Unicamp. A pesquisa foi desenvolvida em uma turma de 5º ano do ensino fundamental, em escola pública municipal em Campinas – SP, a partir de coleta dos PITs elaborados pelos alunos, entre outras atividades, em que a intencionalidade era a reflexão sobre a própria aprendizagem no ambiente escolar. Neste texto, daremos enfoque à questão da *atividade de escrita* que circunscreve todo o processo, buscando explicitar a relevância do instrumento como mediatizador para (a reflexão sobre o próprio) processo de desenvolvimento dos estudantes e para a tomada de consciência acerca do processo de aprendizagem e dos saberes por eles já alcançados.

Palavras-chaves: Plano Individual de Trabalho (Freinet); Desenvolvimento Cultural (Vigotski); Teoria Histórico-cultural; Leitura e Escrita.

¹Professora dos Anos Iniciais da Prefeitura Municipal de Campinas. Doutoranda em educação pela FE – UNICAMP. Contato: pollyannafecchi@gmail.com

²Livre Docente em Psicologia Educacional. Faculdade de Educação, UNICAMP. Contato: alhnog@unicamp.br

A linguagem é uma atividade criadora e constitutiva de conhecimento e, por isso mesmo, transformadora (SMOLKA, 2012, p. 76).

Introdução

A linguagem escrita e o ensino desta linguagem estão presentes nas escolas – isso é fato indiscutível – porém, *como* está inserida e de quais formas essa inserção acontece são questões que se apresentam enquanto problemática a ser discutida. Se, ainda, nos aprofundarmos na questão da função social desta escrita, veremos que as situações em que a escrita assume lugar (trans)formador, provocador de desenvolvimento e mesmo de reflexão sobre esse desenvolvimento, são raras no cotidiano escolar. Como Smolka afirma:

A leitura e a escrita produzidas pela/na escola pouco tem a ver com as experiências de vida e de linguagem das crianças. Nesse sentido, é estéril e estática, porque baseada na repetição, na reprodução, na manutenção do *status quo*. Funciona como um empecilho, um bloqueio à transformação e à elaboração do conhecimento crítico (SMOLKA, 2012, p. 65).

Ainda é comum a prática da escrita descolada à vida, a situações reais de produção.

Este texto se propõe a contribuir com essa discussão ao analisar um instrumento pedagógico que convida à escrita reflexiva sobre as aprendizagens na escola – sob a análise dos próprios estudantes (autoavaliação), dos familiares deste estudante e também da professora, enquanto mediadora deste processo de desenvolvimento.

O Plano Individual de Trabalho (doravante PIT) é um dos instrumentos que compõem o escopo da pedagogia pensada por Célestin Freinet – pedagogo e professor primário francês, nascido em 1896, que dedicou sua vida à transformação da escola em um ambiente onde, de fato, a vida da criança fizesse sentido e se fizesse presente. Essa *escola do povo* (FREINET, 1996) era um sonho que o casal Célestin e Élise Freinet, conseguiu tornar concreto na França e disseminar pelo mundo, a partir da *cooperação* – um dos princípios fundamentais desta pedagogia.

Neste contexto, nossa intenção é a de reafirmar o importante lugar da linguagem escrita, proporcionada por esse instrumento pedagógico, de modo especial enquanto provocadora de desenvolvimento cultural, ao passo que entendemos a escrita como lugar privilegiado de elaboração e transformação da atividade. Realçaremos neste texto também a escrita enquanto processo reflexivo sobre a própria aprendizagem e mesmo enquanto instrumento de autorregulação, considerando que, ao escrever, as crianças refletem sobre os modos de aprender e suas implicações e conseguem perceber suas necessidades de aprendizagem.

2 Fundamentação teórico-metodológica

A linguagem escrita, enquanto forma de expressão humana, remonta aos tempos antigos em que desenhos intencionavam registrar acontecimentos. Nos tempos atuais, a leitura e a escrita estão de tal modo imbricadas em nossas vidas que, por vezes, a utilizamos como que automaticamente, sem pensar muito em como executamos esta ação. Na escola, instituição historicamente responsável por inserir os sujeitos neste vasto mundo – o da leitura e da escrita – esta atividade se coloca de variadas formas, intencionando que estudantes a aprendam e também que aprendam a partir dela.

Segundo Vigotski, a escrita está circunscrita num arcabouço de instrumentos psicológicos que, ao inserirem-se no processo de comportamento, “modifica[m] de forma global a evolução e a estrutura das funções psíquicas” (Vigotski, 2004, p. 94). Assim sendo, entendemos o ato de escrever não apenas pela escrita em si, mas como lugar de elaboração, de transformação da estrutura psíquica e do curso do desenvolvimento, de modo especial, se o ato de escrever estiver relacionado a um processo reflexivo sobre a própria conduta.

No 5º ano do Ensino Fundamental, espera-se que a maior parte dos estudantes esteja plenamente alfabetizada, utilizando a escrita para se comunicar, se expressar, se informar, entre outras tantas possibilidades. De modo especial nesta fase do desenvolvimento, a partir da perspectiva histórico-cultural (Vigotski, 1996; 2004; Bakhtin, 1997), entendemos a escrita como facilitadora do processo reflexivo e instigadora de desenvolvimento, ao passo que supera a função de expressão para o outro e torna-se instrumento psicológico, provocando mudanças internas.

A construção dos dados para este estudo ocorreu em 2022, em uma turma de 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal na cidade de Campinas – SP. A pesquisadora era também professora da turma em questão, e já havia sido professora da mesma turma em 2021. Se faz importante destacar que esta escola tem boa parte de seu Projeto Político Pedagógico fundamentado na pedagogia freinetiana, pois um grupo de professoras vem, desde 2010, colocando em prática os instrumentos de trabalho desta corrente teórica em sua organização pedagógica. Importante salientar também que este movimento teve início por iniciativa das próprias professoras, com apoio da gestão escolar, que foram apropriando-se desta pedagogia ao ver o trabalho de colegas mais experientes.

A professora-pesquisadora em questão, aproximou-se (e apaixonou-se) da/pela pedagogia Freinet ali também. No chão daquela escola que emanava vida em cada trabalho compartilhado por suas colegas. Via sentido nas atividades que consideravam a voz das crianças, a escuta atenta de seus desejos, de suas considerações, de seus anseios. Uma escuta que reverberava nos planos de ensino das professoras e que culminava em trabalhos engajados e interessados por parte dos estudantes. Esta experiência levou-a a também tatear

diversos instrumentos desta pedagogia iniciando seu ‘lançar-se’ pelos ateliês de trabalho e chegando aos planos individuais que organizariam esses ateliês – os PITs – que são fichas de preenchimento semanal ou quinzenal que têm a função de levar os estudantes à reflexão sobre sua participação e realização das atividades e sobre sua aprendizagem.

No segundo semestre de 2022, após aprovação do comitê de ética em pesquisa³, a professora iniciou a construção dos dados apresentando aos alunos uma atividade intitulada “*Vamos conversar sobre: aprender na escola?*”, com perguntas que deveriam ser respondidas pelos estudantes como as que seguem:

“Existe, na escola, algo que você considera que te ajude a aprender?”

“Existe algo que você acha que te atrapalhe aprender?”

“Como avaliaria sua aprendizagem na escola?”

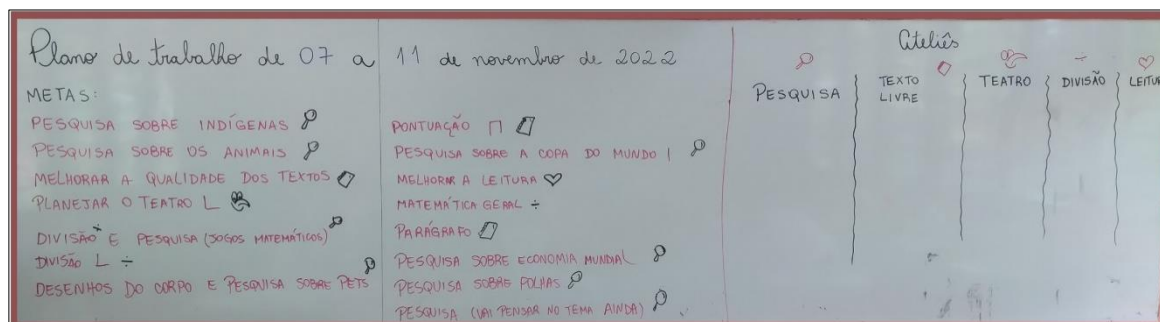
“Você acha importante refletir sua aprendizagem?”

Essas e outras questões buscavam ouvir dos estudantes o que pensavam sobre a aprendizagem na escola de modo geral e também sobre as implicações de se pensar sobre essa aprendizagem. As respostas renderam uma extensa roda de conversas, que culminou na proposta feita pela professora: “*Vamos começar a fazer um plano semanal para pensarmos no nosso trabalho?*”. E assim começaram.

Às segundas-feiras pela manhã, logo no início da aula, cada estudante começava a pensar sobre quais seriam suas metas para a semana. Quais seriam os objetivos a serem alcançados? Quais as dúvidas ou dificuldades a serem sanadas? Quais curiosidades e questões seriam respondidas? O que queriam aprender? Escreviam no campo das metas seus desejos / necessidades de aprendizagem para aquela semana. Após esse momento, que contava com a mediação da professora - ouvindo, ajudando a pensar, provocando, instigando – as crianças compartilhavam suas metas com seus colegas enquanto a professora registrava todas elas na lousa, posteriormente agrupando-as por temas e interesses comuns. Era, então, o momento de planejar os ateliês da semana, a partir das metas traçadas. As crianças ajudavam a pensar em quais ateliês poderiam abarcar as metas de todos, em cerca de cinco ateliês distintos. A todo momento contribuindo, pensavam em atender suas metas, mas também às metas dos colegas, de modo que conseguissem contemplar todos eles em cinco grupos, como podemos observar na imagem a seguir:

³ Número do CAAE: 56639322.4.0000.8142

Figura 1: Registro na lousa contendo as metas e os ateliês combinados a partir delas.



Fonte: Arquivo da professora-pesquisadora

Metas estabelecidas, ateliês combinados (e posteriormente preparados pela professora), era chegado o momento do trabalho. Na folha impressa para o PIT, há cinco colunas que indicam os ateliês combinados, cada coluna com cinco linhas referentes aos dias da semana, para que as crianças registrem por quais ateliês passaram, pensando em, primeiramente, cumprir a meta estabelecida e posteriormente trabalhar em algo que os agradasse. As crianças poderiam passar por mais de um ateliê no mesmo dia e os ateliês mais comuns eram os de *texto livre*; *pesquisa*; *matemática*, entre outros que contemplassem o contexto do momento. Os três ateliês citados, que aconteciam com mais frequência, abarcavam uma grande quantidade de demandas de aprendizagens. Quando a criança se propunha a escrever um texto livre, por exemplo, poderia trabalhar, a partir desta escrita, desde a alfabetização inicial até questões de gramática ou estrutura textual⁴.

Concluída a semana de trabalho, chegava o momento de avaliar os resultados alcançados. O PIT propõe que aconteçam três tipos distintos de avaliação: (i) a autoavaliação, em que a criança irá discorrer sobre a semana por ela vivenciada, apresentando se de fato conseguiu atingir sua meta, se algo não saiu como o esperado, como foi para ela desenvolver determinadas atividades, o que faltou, entre outras questões; (ii) a avaliação feita pela família do estudante, que servia também como ponte para que soubessem o que estava acontecendo na escola, quais as aprendizagens os estudantes estavam tendo maiores dificuldades ou o que já havia sido consolidado; (iii) e avaliação feita pela professora: momento de diálogo próximo, olhar individualizado e mediação deste processo reflexivo. A professora aproveitava para, neste momento, orientar pontualmente sobre as necessidades de aprendizagem, encorajar buscas assertivas e incentivar o trabalho.

No próximo item apresentaremos alguns PIT's preenchidos pelos estudantes e nos

⁴ Pela necessária brevidade deste texto não será possível detalhar os ateliês e atividades contempladas, mas entendemos ser importante esta breve explicação da dinâmica do trabalho para que o texto faça sentido em sua totalidade.

deteremos às análises sobre a atividade de escrita e suas implicações para o processo de desenvolvimento cultural.

4 Resultados e Discussão

Observar a turma nos momentos de preenchimento dos PITs era como ver a imagem veiculada em desenhos animados, quando alguns personagens se esforçam a ponto de sair ‘fumacinha’ de suas cabeças. Eles, de fato, se empenhavam nesta atividade, considerando a realidade do que haviam vivido durante a semana e o trabalho que havia sido (ou não) desenvolvido. As condições concretas vivenciadas na escola apareciam em muitos momentos e rendiam relevantes discussões: a internet que havia faltado e atrapalhado o ateliê de pesquisa, outras demandas que haviam sido sobrepostas ao que antes fora planejado, ou outras intempéries que apareciam pelos caminhos.

Por vezes, reconheciam seus próprios equívocos. No exemplo a seguir veremos uma sequência de PITs de uma aluna que, ao escrever sobre sua semana, percebe o quanto suas recorrentes faltas à escola estavam atrapalhando seu desenvolvimento:

Figura 2: PIT aluna 1 de 01 a 05 de agosto de 2022

PLANO DE TRABALHO DE 01 a 05 de agosto DE 2022

NOME: _____

META SEMANAL: Matemática

ATELIÊS	Neteira	Pesquisa	Desenho	Matemática	Leitura
SEGUNDA-FEIRA					
TERÇA-FEIRA		♥			
QUARTA-FEIRA					♥
QUINTA-FEIRA					
SEXTA-FEIRA					

AUTOAVALIAÇÃO	AValiação DA PROFESSORA	AValiação DA FAMÍLIA
<p><u>Eu não vim dois dias da semana aí eu não consegui bater a meta</u></p>	<p>, realmente as faltas estão prejudicando seu desenvolvimento ; Leste não faltar tanto que com certeza você atingirá suas metas. bys pra</p>	

Meta: Matemática.

Autoavaliação: “*Eu não ‘vim’ dois dias da semana aí eu não consegui bater a meta*”.

Avaliação da Professora: “_____, *realmente as faltas estão prejudicando seu desenvolvimento. Tente não faltar tanto que com certeza você atingirá suas metas. Beijos, pro*”.

Avaliação da família: inexistente

Fonte: Arquivo da professora-pesquisadora

Figura 3: PIT aluna 1. Período 12 a 16 de set de 2022

PLANO DE TRABALHO DE 12 a 16 DE Setembro DE 2022

NOME: _____

META SEMANAL: Matemática divisão

ATELIÊS	Leitura	Pesquisa	Ativ. Escrita	Ativ. Oral	Matemática
SEGUNDA	♥				
TERÇA		♥			♥
QUARTA					
QUINTA					
SEXTA					

AUTOAVALIAÇÃO	AValiaÇÃO DA PROFESSORA	AValiaÇÃO DA FAMÍLIA
<p>ESSA SEMANA EU NÃO TÔ FALTANDO. NÃO FALTEI NEM 1 VEZ E EU TÔ MELHORANDO EM DIVISÃO</p>	<p>Que bom!!!</p> <p>Continue assim!!</p>	<p>A _____ é uma boa menina, apesar de ficar rebelde de vez em quando, por conta do pai. Essa semana ela tem se esforçado 'pra' ajudar em casa e tem se esforçado e feito as lições. E essa semana não perdeu aula por conta de perder hora. Enfim, "tá melhorando".</p> <p>Seu muito feliz!!</p>

Fonte: Arquivo da professora-pesquisadora

Meta: Matemática divisão.

Autoavaliação: “Essa semana eu não ‘tô’ faltando. Não faltei nenhuma vez e eu ‘tô’ melhorando em divisão”.

Avaliação da Professora: “Quem bom!!! Continue assim!!”.

Avaliação da família: “A _____ é uma boa menina, apesar de ficar rebelde de vez em quando, por conta do pai. Essa semana ela tem se esforçado ‘pra’ ajudar em casa e tem se esforçado e feito as lições. E essa semana não perdeu aula por conta de perder hora. Enfim, “tá melhorando”.

A aluna em questão apresentava um significativo número de faltas desde o 1º semestre, o que fazia com que ela perdesse, além das atividades trabalhadas naqueles dias, a cadência dos trabalhos vivenciados e planejados pela turma. Já haviam tentado algumas estratégias: conversas com ela, com sua família, intervenção da equipe gestora... porém, a questão que a prejudicava só tomou um rumo diferente quando a própria aluna reconheceu em sua autoavaliação que as faltas a estavam prejudicando. Entendemos que o ato de escrever sobre aquela questão, e até mesmo o fato de não escrever, não registrar os ateliês nos dias em que estava faltando, ajudou-a a reelaborar e modificar sua situação com relação às faltas – mudança que outras intervenções - externas - não conseguiram solucionar. A estudante percebe suas faltas e percebe que aquelas faltas estavam atrapalhando sua escolarização. A partir daí, muda sua postura e conquista avanços em sua aprendizagem em matemática – meta que havia estabelecido para si e mantido até alcançar os resultados esperados.

Sobre esta mudança de comportamento, Vigotski aponta que “no processo de desenvolvimento histórico, o homem social modifica os modos e procedimentos de sua conduta, transforma suas inclinações e funções naturais, elabora e cria novas formas de comportamento” (Vigotski, 1996, p. 34, tradução nossa). Esta afirmação nos ajuda a pensar sobre como o processo de elaboração do PIT mediado pela escrita, em um contexto histórica

e culturalmente situado (aquela turma, aquela escola), levou a aluna a refletir sobre suas ações.

O próximo exemplo nos mostra mais uma atividade reflexiva através da escrita:

Figura 4: PIT aluno 2: Período 07 a 11 de nov. de 2022.

PLANO DE TRABALHO DE 07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

NOME: _____

META SEMANAL: Pontuação

ATELIÊS	Resolução	Leitura	Teatro	Divulgação	Letras
SEGUNDA	1				*
TERÇA			⊙		
QUARTA		*			
QUINTA					
SEXTA					

AUTOAVALIAÇÃO	AValiaÇÃO DA PROFESSORA
<p>EU ACHO QUE MELHOREI NA MATEMÁTICA NA MULTIPLICAÇÃO E NA LETRA DE MÃO E AGORA VOU MELHORAR NA PONTUAÇÃO</p>	<p>Que bom!! Também notei seu avanço em matemática. Sugiro que escreva mais textos livres, caprichando na pontuação.</p>

Meta: Pontuação.

Autoavaliação: “Eu acho que melhorei na matemática, na multiplicação e na letra de mão e agora vou melhorar na pontuação”.

Avaliação da Professora: “Que bom!! Também notei o seu avanço em matemática. Sugiro que escreva mais textos livres, caprichando na pontuação”.

Avaliação da família: inexistente (nos últimos PITs este campo de preenchimento foi retirado, pois quando iam para a casa das crianças grande parte não retornava à escola).

Fonte: Arquivo da professora-pesquisadora

Percebemos que neste exemplo o aluno coloca enquanto meta melhorar a pontuação de seus textos. A questão da pontuação era um desafio para boa parte dos alunos desta turma e a professora desenvolvia um trabalho com textos livres direcionado a desenvolver esse saber. Este aluno, de modo especial, escrevia seus textos em bloco único, iniciando a separação em parágrafos e arriscava o uso de alguns sinais de pontuação, como o sinal de exclamação e de interrogação, mas precisava avançar nessa organização textual e se dava conta dessa necessidade. Acontece que, conforme percebemos em seu relato, ele ainda não se sentia contemplado nesta meta. Ele descreve outros saberes nos quais havia avançado: em matemática – na multiplicação e na “letra de mão”. E mantém sua expectativa de, nas próximas semanas, “melhorar na pontuação”. Este aluno consegue chegar à conclusão de que, apesar de não ter avançado onde havia se planejado ou desejado, conseguiu avançar em outros conteúdos que também lhe eram importantes. Consegue ver que houveram avanços, mesmo não sendo os esperados, e que ainda havia espaço para outras mudanças.

Vemos novamente a escrita enquanto caminho de reflexão e a epígrafe que abre esse

texto retoma seu sentido:

A linguagem é uma atividade criadora e constitutiva de conhecimento e, por isso mesmo, transformadora. Nesse sentido, a aquisição e o domínio da escrita como forma de linguagem acarretam uma crítica mudança em todo o desenvolvimento cultural da criança (SMOLKA, 2012, p. 76).

Enxergar-se, conhecer-se, (trans)formar-se na e pela escrita. Escrita que fala de si e para si, num dialógico processo (inter)relacional.

Portanto, conforme Vigotski destaca, as situações acima permitem explicitar como “o desenvolvimento da linguagem escrita [...] está relacionado com o domínio do sistema externo de meios elaborados e estruturados no processo do desenvolvimento cultural da humanidade” (Vigotski, 1996, p.185, tradução nossa), que favorece o desenvolvimento da reflexividade e o controle da própria ação.

Na turma em questão, as crianças refletiam sobre seu desenvolvimento individual ao mesmo tempo que em também observavam seus colegas passando pelo mesmo processo. Em momentos de discussão coletiva sobre tais análises, tomavam para si estratégias vindas de outros, compartilhavam as estratégias que haviam pensado para si, assim como as dificuldades que enfrentavam – individualmente e coletivamente.

5 Considerações Finais

O texto buscou contribuir com a discussão sobre a atividade de escrita enquanto promotora de reflexão sobre o próprio desenvolvimento, mediatizada pelo instrumento pedagógico denominado Plano Individual de Trabalho. Apresentou exemplos de PITs preenchidos pelos estudantes, em que pudemos perceber o processo de tomada de consciência sobre a própria aprendizagem através da escrita reflexiva sobre sua conduta.

Estes são resultados parciais de uma pesquisa de doutorado em andamento, cujos dados estão em fase de análise e que se propõe a discutir, além desta questão, o impacto dos PITs em outras esferas da organização escolar e do desenvolvimento cultural dos estudantes.

Referências

- BAKHTIN**, Mikhail M. Estética da Criação Verbal. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
FREINET, Célestin. Para uma escola do povo: Guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A Criança na Fase Inicial da Escrita: A alfabetização como processo discursivo. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.
VIGOTSKI, Liev S. Teoria e método em psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
VYGOTSKY, Lev Semionovich. Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Obras Escogidas, Tomo III. Madrid: Visor Distribuciones, S.A., 1996.